

Em torno da reeleição

23 MAI 1990

Tratar, a esta altura, da reeleição de um presidente recém-empossado, pode parecer — e é — pura precipitação. Mas o tema está em curso, mobiliza pessoas influentes dentro e fora do Congresso e gera aproximações políticas, com reflexos nos desdobramentos das reformas.

Aliados e adversários de Fernando Henrique já tratam abertamente do assunto. Há nomes de peso entre seus potenciais sucessores, cujo comportamento no processo das reformas é vital — os presidentes da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), e do Senado, José Sarney (PMDB-AP). Não convém, claro, a nenhum deles, afrontas e confrontos.

Dá-se, então, cuidadoso jogo de aparências: todos fingem que jamais pensaram no assunto, que não é patriótico abordá-lo tão cedo e que há prioridades reclamando providências etc. Tudo verdade, claro — e tudo mentira, também. Nos bastidores, o assunto é tratadíssimo.

O PFL, que está envolvido em poderosos esquemas de **marketing** para mudar sua imagem e torná-la mais progressista, não descarta a hipótese de vir a apoiar uma eventual reeleição de Fernando Henrique. Mas só o fará se não tiver mesmo condições, como aconteceu na eleição passada, de dispor de nome próprio. O nome próprio com que sonha, neste momento, é o de Luís Eduardo Magalhães, filho de Antônio Carlos Magalhães, cacique-mor do partido.

José Sarney, reconheça-se, jamais escondeu que sonha em voltar ao Planalto. O sonho foi barrado na eleição passada por Orestes Quêrcia, mas está sendo intensamente retrabalhado. Basta observar a habilidade com que seleciona os temas de sua gestão na presidência do Senado. Tornou-se ardoroso defensor da faxina ética na instituição e batalha, ao lado do senador Pedro Simon, pela CPI das Empreiteiras.

Embora esteja longe de fazer qualquer tipo de oposição a Fernando Henrique, Sarney busca não parecer governista. Precisa dispor de espaço para a eventualidade de uma aliança futura — ou de um rompimento. Nunca se sabe, claro.

Quanto a Fernando Henrique, óbvio que não acharia desagradável reeleger-se. Se seu governo der certo, terá operado verdadeira revolução no Estado brasileiro. Se esse Brasil novo acontecer, gerando, além de estabilidade da moeda, meios de colocá-la em quantidade razoável no bolso da população, difícil impedir a reeleição do presidente.

O detalhe é que a reeleição não está prevista na Constituição e foi dos poucos temas apreciados — e derrubados — na revisão constitucional do ano passado, que reduziu para quatro anos o mandato presidencial. A aprovação da reeleição depende de articulações no Congresso, que passam necessariamente por Luís Eduardo Magalhães e José Sarney. Não é fácil, para dizer o mínimo.